



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Espelho e mito : a ideia de Europa em Eduardo Lourenço

José Eduardo Franco

Para citar este documento / To cite this document:

José Eduardo Franco, "Espelho e mito : a ideia de Europa em Eduardo Lourenço",
Colóquio/Letras, n.º 170, Jan. 2009, p. 307-317.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

O mito e o espelho

A IDEIA DE EUROPA EM EDUARDO LOURENÇO

JOSÉ EDUARDO FRANCO

Porém, vendo na Europa o eldorado bem-aventurado da Terra sem Mal, tornámo-nos europeus com a mesma inocência angélica, isto é, ingénua e dogmática, com que no passado fôramos imperiais e colonialistas, como a ortodoxia católica imaginara ser Portugal o Paraíso terrestre sob o Estado Novo e como a ortodoxia comunista imaginara ser a União Soviética o «Sol da Terra». Neste sentido, tornámo-nos heterodoxos porque a democracia e a liberdade a isso nos impunham, mas, dentro da heterodoxia, logo buscámos uma Terra Prometida, mãe consoladora e remédio de todos os males.

MIGUEL REAL¹

Eduardo Lourenço surpreende-nos ao falar de uma Europa desencantada. A Europa era, de algum modo, vítima do seu próprio sucesso. Acabara a Guerra Fria, o império soviético desmoronava-se e havia novas expectativas e novas perplexidades a ditarem a sua lei. A fragilidade europeia estava à vista, provindo quer da dificuldade interna de superar contradições antigas, quer de uma campanha externa persistente no sentido de não deixar o velho continente ser aquilo que desejaria ser.

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS²

I. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A Europa como *espelho* e *mito* emerge em Eduardo Lourenço, enquanto «europeísta convicto», como um dos temas centrais, recorrente, quer de maneira explicitamente declarada quer hiper-implícita e para-explicita. Assim bem analisa Miguel Serras Pereira: esta complexa arena de sentido que é a Europa implica «dessacralização, ou desencantamento (numa acepção deste

termo próxima daquela que assume nos contos de fadas), de qualquer estado de facto ou instituição global de indivíduos e da sociedade — ser simultaneamente uma aposta na imaginação mítico-poética que permitirá a essa arena [...] religar-se à fonte onde tem origem»³. Esta *arena de sentido*, continente real e imaginário de identidades múltiplas, em Eduardo Lourenço tem na origem a reflexão numa relação dialógica que o acompanhará sempre, de algum modo: a relação pensante com Portugal, ou melhor, de Portugal com a Europa no quadro global da sua hermenêutica desmitologizante, a «mitologia crítica», no dizer do autor citado. Aliás, a presença do tema «Europa» em Eduardo Lourenço é tão frequente quantitativamente e intensa qualitativamente que faz dele um dos maiores, senão o maior autor da cultura portuguesa com mais produção de pensamento sobre a Europa. Eduardo Lourenço é hoje a voz europeia em Portugal e a voz de Portugal da Europa, enquanto voz cultural por excelência⁴.

2. AS DUAS FASES DO PENSAMENTO SOBRE A EUROPA

Em Eduardo Lourenço podemos divisar duas grandes fases no seu processo de pensar a Europa. Numa primeira fase, a Europa é pensada no decurso e como função de espelho do seu esforço de pensar e repensar Portugal. A Europa-espelho-de-Portugal, na qual o nosso país, pela voz eduardina, se vê e revê, tristemente distanciado e deformado em relação a uma Europa que mitifica, glorifica e endeusa, e com a qual, por vezes, se assemelha, quase por milagre. Nesta etapa e nesta visão diagnóstica de Portugal pontificam como emblemáticas quatro obras que, dentro desta fase, também denunciam uma evolução no seu pensamento: *Heterodoxia* I (1949)⁵ e II (1967)⁶, *O Labirinto da Saudade* (1978)⁷ e *Nós e a Europa ou as Duas Razões* (1988)⁸.

Eduardo Lourenço apontou o excesso de imaginário mítico e de passado que Portugal carrega sobre si. Este excesso de passado, se é uma vantagem identitária, em alguns aspectos, é também uma ficção mítica que aprisiona o olhar sobre a sua história e o impede de olhar decididamente o presente e de projectar o futuro, enredado que fica na espera agónica de sebastiões de outro tempo que possam ressurgir para resolver a nossa crise — os problemas de um Portugal-sempre-em-crise.

Mas com o amadurecimento do seu pensamento, Eduardo Lourenço vai recusar aquela distinção, que numa primeira fase parece claramente defender, entre duas Europas dentro da Europa, a peninsular, «a Europa Menor», onde na mesma barca de diagnóstico do atraso encaixa Portugal e Espanha aquém da Europa transpirinaica, a outra Europa Maior. Escreverá já nos anos 80, procurando legitimar a nossa entrada de pleno direito na Comunidade Europeia: «Numa Europa sujeito e objecto de fluxo cultural planetário, onde tudo é centro e margem, as ‘duas razões’ que separavam, hierarquicamente,

uma Europa-Europa de uma Europa Menor já não servem de critério distintivo, senão a título histórico. Espanha e Portugal deixaram de ser aquelas áreas culturais onde, na época moderna, só por milagre nasciam os Cervantes, os Camões, os Goyas, os Machados e os Pessoaas.»⁹

Mais tarde distinguir-se-á uma segunda fase em que esse pensamento sobre a Europa ganha alguma autonomia em relação ao seu pensamento central sobre o país, especialmente depois da entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia e com obras de referência de que se destacam *A Europa Desencantada. Para Uma Mitologia Europeia* (1994)¹⁰ e *A Morte de Colombo. Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito* (2005)¹¹.

Embora esta segunda fase, que poderíamos chamar de pensamento autónomo sobre a Europa e sobre a sua identidade e deriva, não implique o abandono do pensamento sobre Portugal, que, de facto, nunca suspende, mas continua em paralelo ou de maneira correlacionada, em livros e textos dispersos, em que sobressaem *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade* (1999)¹² e *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia* (1999)¹³.

3. A EUROPA PENSADA EM FUNÇÃO DE PORTUGAL

A Europa como objecto de reflexão e estudo começa a desenvolver-se no pensamento de Eduardo Lourenço especialmente a partir do capítulo de abertura da sua primeira obra de referência, *Heterodoxia I*, articulada com a sua preocupação pensante das trajectórias históricas da cultura portuguesa. Aqui a Europa funciona como meta utópica. Portugal e o seu progresso/retrocesso é arguido em função de uma avaliação a partir da relação binomial de aproximação/distanciamento em relação à parte mais progressiva do continente em que está inserido.

Nesta fase, importa não perder de vista em Eduardo Lourenço a centralidade de Portugal, da sua identidade, a «doença» do seu imaginário e deriva, que é pensada criticamente à luz de dois vectores que mobilizam o autor: a paixão e a preocupação pelo seu país de nascimento¹⁴.

A sua ideia de Europa começa por inscrever-se originária e genealogicamente na corrente inaugurada pela racionalidade iluminista estabelecida em Portugal, nomeadamente a partir da segunda metade do século XVIII, pela matriz pombalina de olhar com preocupação grave o distanciamento de Portugal em relação ao mundo europeu dito culto, iluminado e progressivo.

Para a matriz aqui designada do iluminismo português, canonizado com timbre oficial e estatal, contribuíram modelarmente pensadores de craveira como Luís António Verney, António Nunes Ribeiro Sanches, António Pereira de Figueiredo e Frei Manuel do Cenáculo. Os dois primeiros ao lado de

Pombal, no conhecimento por dentro da Europa mais avançada, isto é, viajando, vivendo e trabalhando no coração dessa Europa pulsante de razão, arte e ciência novas, onde se destacaram países como a França, a Holanda, a Itália, a Inglaterra e a Áustria¹⁵.

Usufruindo da sua experiência de contacto com a Europa, como viajantes, estudiosos, diplomatas, correspondentes, puderam estabelecer um confronto crítico entre os reinos ditos iluminados, onde as artes e as ciências avançavam ao serviço da afirmação dos povos, e a situação presente de Portugal. É certo que nos séculos anteriores, intelectuais viajantes portugueses da Europa, como são os casos de Damião de Góis e de Vieira, colheram lições importantes para modificar a realidade portuguesa, em muitos aspectos imóvel no tempo e contente consigo e com o seu passado glorioso¹⁶.

Certo é que o Iluminismo instaurou política e culturalmente a necessidade mobilizadora da mudança, da fractura, da revolução em nome da regeneração de Portugal à luz do paradigma de uma Europa que também se mitificava na percepção hipervalorizada daqueles que a faziam modelo e utopia de novos tempos para o nosso país.

A corrente inaugurada pelos intelectuais iluministas impõe a necessidade de repensar e reformar Portugal ao mesmo tempo que se afirmava hiperbolicamente o poder do Estado e a sua centralidade. Data desse período a emergência de uma espécie de religião do Estado assente na concentração do poder total na pessoa do Rei e dos seus ministros, entendida como forma única de garantir a felicidade do povo — que se figurava imgeticamente brotar das mãos do monarca — que, por sua vez, recebia o poder legitimador directamente de Deus¹⁷.

O Marquês de Pombal encabeça e simboliza esta nova corrente de cariz iluminista que, em Portugal, se vai denominar especificamente de Pombalina.

É neste momento refundante do Reino, em que se aspira, com sabor mítico-utópico, a uma *renovatio temporum*, que se estabelece uma avaliação profundamente negativa do recente passado bissecular, dito jesuítico, de um Portugal que teria desaguado numa calamitosa situação presente. O diagnóstico crítico pombalino cria de forma culturalmente conceptualizada os conceitos de decadência, de degenerescência, de atraso, de ignorância, de falta de luzes, de obscurantismo e de ostracismo¹⁸.

Instaura-se aqui o conceito de atraso, de distanciamento grave em relação ao modelo louvado da Europa Culta. Estabelece-se a base para se afirmar o conceito, que virá a impor-se mais tarde, de um Portugal país-cauda-da-Europa, ou de última carruagem do comboio da Europa-progresso¹⁹.

Esta visão de Portugal é construída na elaboração de uma história judicativa, «partidária» no dizer do Borges de Macedo²⁰, que se elabora e pensa

triadicamente, ou tridimensionalmente, bebendo, de algum modo, na visão cíclica dos esquemas mitificantes de leitura do devir histórico.

Acentua-se o diagnóstico de uma fase de decadência histórica bem delimitada, que é antecedida por uma idade de Ouro que se engrandece e tende a instituir-se como modelo de revisitação e de recuperação para afirmar plenamente e em apoteose uma *renovatio temporum*, numa Nova Era figurada com contornos utópicos. Nesta era *quasi* escatológica, o país atingiria a realização plena como povo, a sua destinação última, na leitura iluminista e depois cientista, já no século de Oitocentos, consubstanciada na idade da razão e da ciência.

O século XIX liberal vai acentuar, pois, o diagnóstico pombalino, nomeadamente com o pensamento emblemático da Geração de 70 que se agravará na avaliação decadentista mais pessimista e trágica da Tertúlia dos Vencidos da Vida. Entre os intelectuais que decretaram o diagnóstico negro, preponderam figuras cimeiras da cultura oitocentista como Almeida Garrett, Eça de Queirós, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Oliveira Martins, entre outros²¹.

Na viragem do século, outros pensadores críticos, como Sebastião de Magalhães Lima, Sampaio Bruno e António Sérgio, se assumirão como analisatas participantes deste diagnóstico discutindo e afirmando o conceito de Reino Cadaveroso que já vinha de António Nunes Ribeiro Sanches para caracterizar metaforicamente esse Portugal velho que resistia ao progresso modelado pela Europa da razão e da ciência²². Caracterização dessa velha resistência que Jorge de Sena glosará em pleno Estado Novo, intitulado a sua desilusão por este Portugal incriativo pelo conceito metaforizado de *Reino da Estupidez*²³.

Eduardo Lourenço é, pois, herdeiro desta corrente que procura fazer o diagnóstico da situação portuguesa face ao paradigma progressivo europeu. Neste quadro, a Europa é pensada e olhada na sua relação com a discussão da ideia de Portugal e da necessidade de avaliar Portugal e até a viabilidade de Portugal como nação.

Inscrevemos, portanto, o pensamento lourenciano na referida corrente que podemos apelidar de europeísta ou de europeizante, que pensa e repensa a identidade portuguesa, a sua situação e as condições de progresso por contraponto a uma dada Europa, e tendo esta como medida e prumo do seu estado de progresso, ou melhor de não progresso.

Nesta primeira etapa, o pensador olha a Europa a partir, portanto, de uma perspectiva portuguesa e da avaliação do estado de progresso de Portugal a diversos níveis.

Em pleno Estado Novo, que se afirma com um ideário declaradamente antieuropeu consubstanciado na afirmação salazarista do «orgulhosamente sós», Eduardo Lourenço, na abertura da sua *Heterodoxia I* editada pela primeira vez em 1949, reedita a avaliação do diagnóstico do atraso português em

relação à Europa formulado na ideia de ruptura dialógica de Portugal com a parte mais criativa e avançada do continente em que está inserido.

No título sugestivo desse capítulo de abertura, «Europa ou o Diálogo Que Nos Falta», o autor aponta, filiando-se naquela longa tradição diagnóstica das *causas da decadência dos povos peninsulares* inaugurada por Antero de Quental, os motivos do corte dialógico e os campos em que o diálogo mais gravemente se fez sentir, fechando Portugal num imobilismo que o colocou em situação de cauda da Europa, e de que o presente era expressão gritante.

O silêncio que impediu o diálogo e o progresso, no entender de Eduardo Lourenço, esteve na ausência de uma ruptura, de choque decisivo em termos religiosos, de revolução filosófica e em termos de criação científica. Aponta assim sucintamente essas razões: «Passando à margem dos três decisivos acontecimentos espirituais da idade moderna — a cisão religiosa das reformas, a criação da físico-matemática e a filosofia cartesiana —, a nossa cultura dos séculos XV e XVI perdeu o que tinha de vivo e promissor, para conservar apenas o comentarismo ruminante e estéril, do qual aliás jamais se libertara completamente, mesmo nas suas horas mais felizes.»²⁴

São estes, pois, os domínios onde o diálogo não se verificou deixando-nos fatalmente entregues a nós próprios, estando isso na base da afirmação judicativa global de partida: «O mundo da cultura portuguesa arrasta há quatro séculos uma existência crepuscular.»²⁵

Reconhece, todavia, que houve esforços no sentido de procura e aproximação daquilo que é apresentado como medida e meta: «ascender de novo ao espírito da Europa»²⁶. No entanto, lamenta que esses rasgos, essas tentativas louváveis tenham sido enfermos pelo facto de não terem constituído um movimento contínuo, determinado e forte. Foram tentativas individuais, isoladas, que não garantiram consistência capaz de lançar decisivamente Portugal para a frente: «E os casos isolados a que nos referimos? Fernão Lopes, Nuno Gonçalves, Camões, Bernardim, Gil Vicente, Pedro Nunes? Cada um deles pertence a um período cultural fora da consideração do nosso tema, pois fazem parte duma fase da nossa cultura ainda identificada com o sentido fundamental da cultura cristã ou humanista da Europa do seu tempo. Eles provam o nosso ponto de vista, não o desmentem.»²⁷

Nesse período do humanismo renascentista, Portugal estava, na perspectiva do pensador, ainda umbilicalmente ligado à Europa e participava, de certa forma também como protagonista, do Espírito da Europa, de algum modo vendo nessa participação aquilo que fez a época mais luminosa da história de Portugal.

Depois, e alinhando claramente na leitura decadentista instituída de forma claramente afirmada pela Geração de 70, apenas vê casos isolados de tentativas de religar Portugal à Europa: «Os casos isolados a que aludimos são antes os de

Verney, de Herculano, de Oliveira Martins, de Antero, de Gama Barros ou, mais junto a nós, o de Raul Proença, para não falar senão de autores mortos.»²⁸

Na sequência da tentativa iniciada pela I República de restauração do diálogo perdido, levando ela ao extremo essa tentativa e de maneira trágica com a entrada na I Guerra Mundial, o regime de Salazar consagrou como doutrina de Estado o corte do diálogo desejado pela voz intelectual europeísta que via nessa religação umbilical o segredo para o nosso progresso e afirmação moderna e modernizante.

4. PENSAMENTO AUTÓNOMO SOBRE A EUROPA

Mais tarde este jovem pensamento lourenciano sobre a visão de Portugal na sua relação com a Europa vai evoluir, distanciando-se e complexificando-se criticamente em relação aos seus referentes intelectuais antecessores, nomeadamente do pensamento ensaístico de António Sérgio.

Analisando, já muito recentemente, a visão esfíngica de Fernando Pessoa que eleva Portugal ao estatuto de olhar, de face da Europa, Eduardo Lourenço acusa essa univalente e totalizante valorização mitificante da Europa «sinónimo de civilização e cultura», na linha de Eça e dos Vencidos da Vida: «Este olhar de Portugal como Europa, não enxergando nada diante dele que valha a pena — salvo uma América que se prepara para ser o Império Romano que a Europa não tem a força de sonhar —, não é apenas a utopia de um poeta apto como ninguém para apreender a ausência da realidade do que chamamos Mundo e História, enquanto espera de uma cada vez mais improvável vinda de Godot, mas o mito mesmo de uma cultura que a nossa Poesia glosou e glosará sem fim, o mito sebastianista que não tem, em suma, outro conteúdo que não o regresso sem fim de Portugal ao seu estatuto onírico de olhar-mundo que foi outrora por conta da Europa e de ninguém.»

Este Portugal hiperfixado na Europa e na ideia que tem dela, com o muito de irrealismo que há também nessa imagem, deve muito a essa mitologia que o mobiliza, no entanto, para o desejo de progresso e para a culpabilização pelo seu não progresso. Portugal deve menos, no dizer de Eduardo Lourenço, «ao orgulho e arrogância inerentes à sociedade europeia, tão contente consigo, do que ao ressentimento de todos os que dela se crêem excluídos — ou o são realmente —, enquanto banquete dos deuses».

Quanto à Europa e à sua cultura, Eduardo Lourenço não é menos crítico e a sua análise não é menos psicanalítica, como o tinha sido em relação a Portugal e à sua cultura nacional. É este o retrato-diagnóstico da cultura europeia: «Não há no mundo exemplo de cultura mais masoquista do que a europeia. Outrora esse sentimento era um luxo de ricos que Rousseau, o sonhador de olhos abertos de Genebra, ilustrou e analisou como ninguém, à espera de Nietzsche para o radicalizar.»²⁹

Nas obras que dedica à compreensão da Europa de forma autonomizada em relação à sua preocupação por Portugal, Eduardo Lourenço, acaba, pois, por aplicar o método de diagnóstico psicanalítico-cultural usado para o caso de Portugal. Embora não arriscando chamar-lhe psicanálise da mitologia europeia, não deixa de ser do mesmo modo uma tentativa de pôr a nu criticamente a fantasmagoria europeia, desconstruindo o seu imaginário de si, o seu excesso de memória, o peso problemático do seu passado, em nome do reencontro da Europa consigo mesma nas condições reais do seu presente, em ordem à construção do futuro possível e realisticamente desejável.

Neste sentido, preocupa-o e salienta o facto de «a chamada ‘Europa’» ser «a ‘entidade’ menos definida, não só porque histórica e culturalmente assim é, mas porque nenhum desses actores da cena mundial tem interesse em que o venha a ser»³⁰. Neste quadro problemático encontra «a raiz objectiva da fragilidade europeia». Esta Europa «frágil na cena do mundo», com dificuldade de «se constituir com um mínimo de coerência política», tem *deficit* de ligação afectiva da parte dos cidadãos europeus. A Europa precisa de constituir-se como um referente afectivo mobilizador, isto é, de impor-se no imaginário dos europeus com suficiente carga mítica e utópica.

A carência de mitificação necessária para concitar afectividade, emoção pela Europa como um todo é um dos aspectos estruturantes da fragilidade europeia actual. Por isso o autor lamenta: «quarenta anos de sonho europeu não fizeram da Europa um ‘mito’ para a consciência do cidadão comum da Comunidade Europeia»³¹. Urge, em seu entender, reinventar a Europa, agora no plano do imaginário, atribuindo a este e à sua intervenção e definição estratégicas um valor decisivo: «Ou se a palavra ‘mito’ assusta, pelas suas conotações irracionais, ao menos um referente, de conteúdo cultural e imaginário naturalmente partilhável, uma espécie de património comum, em função do qual tenha algum sentido ou possa mesmo ser uma finalidade exaltante inventar uma ‘Europa’ que por ter existido de mais não sabe que não existe com aquela imperiosa evidência dos que escapam à subalternização histórica.»³²

A dificuldade básica de a Europa nova erguer-se como mito viável no imaginário dos seus cidadãos deve-se certamente a essa consciência de subalternização em virtude da assunção de novas potências imperiais que a ultrapassaram e abateram o seu eurocentrismo que tinha conquistado no último milénio. Mas também, sem dúvida, por ainda estarem muito acesos e em revivalismo surpreendentes os afectos nacionalistas, que se constituem como referentes míticos fracturadores do projecto de União Europeia.

Por isso, a consciência de pertença a uma Europa Una deverá ser um trabalho de transformação e formação de mentalidades, um trabalho da ordem do mítico, e, como tudo o que implica transformar mentalidades, demora

séculos: «Tornarmo-nos ‘europeus’ levará longos anos, talvez séculos, se isso supõe uma ‘nação-Europa.’»³³

Dado este diagnóstico e estabelecida a terapêutica para a ausência de uma ideia afectiva da Europa, Lourenço tenta na sua reflexão definir aquilo que entende ser este continente assim intitulado e tornado projecto político e utopia de convivência comum de povos e culturas. Mais facilmente encontra melhores vias de definição pela negativa. Assim, começa por considerar claramente que a «Europa não é uma nação. Também não é um conjunto de nações já estruturado para se viver e agir como uma nação»³⁴. Sempre foi, como bem percebe, um continente de identidades múltiplas em dinamismo triádico de construção, desconstrução e reconstrução: «a Europa continua a viver-se como continente-Penélope. No que a Europa — como ideal ou utopia — sempre tropeçou, foi em si mesma». De facto, conclui que «a Europa foi sempre e apenas *Europas* para retomar o belo título de um livro de Yves Hersant»³⁵.

Mas lá chega a uma definição, embora sempre dubitativa, do seu objecto de reflexão e preocupação, pela positiva: «a Europa — uma parte dela — é uma trama de forças económicas, de dispositivos de ordem financeira, administrativas e mesmo políticas de um nível e coerência notáveis, mas suspensa da concretização efectiva desse horizonte-Europa que lhe daria um suplemento de existência»³⁶. E não deixa de ver a Europa nova que está a ser construída como uma ficção ainda carente de sustentação com alicerces seguros, capazes de a manter em duração longa: «A ficção-Europa precede a sua encarnação, a essência (virtual), a sua existência.» No presente, a Europa é um projecto em concretização que vive e se alimenta de ideal, e apesar de tudo, tem resultado: «A Europa é — neste momento — uma espécie de *ideal* à maneira de Kant, ponto de fuga do projecto europeu. Não é pouco.»³⁷

5. MANIFESTO EM FAVOR DE UM MITO PARA A EUROPA

O resultado crítico, e desencantado numa primeira análise, do seu diagnóstico não o leva a um apelo em favor da desistência em relação ao projecto-Europa. Antes advoga que «uma utopia europeia assumida só é digna de ser vivida como vitória da Europa sobre a Europa, da ficção de si mesma que, consciente ou inconscientemente, tem condicionado o seu destino, contra a sua realidade. Em suma, do triunfo da sua sublime não identidade sobre os fantasmas da sua alucinada identidade»³⁸. Eduardo Lourenço acaba por terminar o seu livro dedicado especificamente a desenvolver um pensamento autónomo sobre a Europa com um manifesto em favor da recriação, invenção de uma utopia consistente para a «Europa/Democracia/Liberdade», em ordem a construir uma «imagem identitária para a Europa», «a partir de um imaginário cultural partilhável pelos Europeus»³⁹.

Em suma, Eduardo Lourenço, revelando-se, nas suas obras, como um mestre da desmitificação e da desconstrução à maneira derridariana, torna-se, por fim, o advogado de uma mitificação, da criação de um mito e de uma utopia para a Europa⁴⁰. Como analisa Maria Manuel Baptista, «na verdade, o discurso utópico mais recente de Eduardo Lourenço, e que se tem espalhado sobretudo pelas temáticas ligadas à construção/invenção da Europa (reflexão sempre determinada pela questão da Liberdade e da Democracia), designa-o, frequentemente, o próprio filósofo, como *discurso mítico*»⁴¹. De facto, o autor, mitocrítico e mitólogo, conhece melhor do que ninguém a função unificadora do mito e da utopia enquanto criadores de sentido e mobilizadores de acção.

NOTAS

- ¹ Miguel Real, *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, Lisboa, Quidnovi, 2008, p. 19.
- ² Guilherme d'Oliveira Martins, *Portugal: Identidade e Diferença*, Lisboa, Gradiva, 2007, p. 172.
- ³ Miguel Serras Pereira, «Eduardo Lourenço ou da 'Temática do Tempo' à Arena de Sentido», in Maria Manuel Baptista (coord.), *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço*, Maia, Ver o Verso, 2004, p. 71.
- ⁴ Ver o pioneiro estudo da, ao lado de Miguel Real, maior especialista em Eduardo Lourenço, Maria Manuel Baptista, *Eduardo Lourenço — A Paixão de Compreender*, Porto, Asa, 2003, p. 418.
- ⁵ Eduardo Lourenço, *Heterodoxia I*, Coimbra, Coimbra Editora, 1949.
- ⁶ Idem, *Heterodoxia II*, Coimbra, Coimbra Editora, 1967.
- ⁷ Idem, *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, D. Quixote, 1978.
- ⁸ Eduardo Lourenço, *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, 3.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- ⁹ Idem, *ibid.*, p. 67. V. tb. *O Outro Lado da Lua. A Ibéria segundo Eduardo Lourenço*, ed. e entrevista de Maria Manuel Baptista, Porto, Campo das Letras, 2005.
- ¹⁰ Idem, *A Europa Desencantada. Para Uma Mitologia Europeia*, 2.^a ed. aumentada, Lisboa, Gradiva, 2001.
- ¹¹ Idem, *A Morte de Colombo. Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito*, Lisboa, Gradiva, 2005.
- ¹² Idem, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999.
- ¹³ Idem, *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, Lisboa, Gradiva, 1999.
- ¹⁴ Cf. Miguel Real, *Eduardo Lourenço — Os Anos de Formação (1945-1958)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- ¹⁵ José Eduardo Franco e Annabela Rita, *O Mito do Marquês de Pombal. A Mitificação do Primeiro-Ministro de D. José I pela Maçonaria*, Lisboa, Prefácio Editora, 2004, *passim*.
- ¹⁶ Na sua análise sobre a identidade portuguesa, Eduardo Lourenço afirmava claramente aquilo que recentemente Manuel Clemente veio a classificar no seu *Portugal e os Portugueses* (Lisboa, Assírio & Alvim, 2008): «Portugal é um povo bíblico.» Com efeito, Eduardo Lourenço considera que «nas relações consigo mesmos os Portugueses exemplificam um comportamento

- que só parece ter analogia com o do *povo judaico*. Tudo se passa como se Portugal fosse para os Portugueses como a Jerusalém para o povo judaico.» (Eduardo Lourenço, *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, ed. cit., p. 10.)
- ¹⁷ V. José Eduardo Franco, «A Ideia de Europa nas Reformas Pombalinas da Educação»: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/Jose%20Eduardo%20Franco.htm>.
- ¹⁸ Cf. idem, *O Mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil, no Oriente e na Europa*, 2 vols., posfácio de Eduardo Lourenço, Lisboa, Gradiva, 2006-2007, *passim*.
- ¹⁹ Cf. idem, «Portugal, de Face a Cauda da Europa: Notas para o Estudo da Ideia de Europa na Cultura Portuguesa», *Brotéria*, Lisboa, vol. 167, n.º 2/3, Ago.-Set. 2008, pp. 191-9.
- ²⁰ Jorge Borges de Macedo, «Marquês de Pombal», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. V, Porto, Figueirinhas, 1980, p. 113.
- ²¹ Cf. Luís Machado de Abreu e José Eduardo Franco, *Dois Exercícios de Ironia: 'Defesa da Carta Encíclica de Pio IX' de Antero de Quental e 'Contra os Jesuítas' de Sena Freitas*, ed. atualizada e notas críticas, Lisboa, Prefácio, 2005, *passim*.
- ²² Cf. José Eduardo Franco, «La idea de Europa en los escritos masónicos del período de liberalismo português: el pensamiento europeísta y universalista de Sebastião de Magalhães Lima», in J. A. Ferrer Benimeli (coord.), *La Masonería española en la época de Sagasta. Actas do XI Symposium Internacional de Historia de la Masonería Española (Logroño, del 6 al 8 de Julio de 2006)*, vol. II, Zaragoza, Gobierno de Aragón, 2007, pp. 1061-82.
- ²³ Jorge de Sena, *O Reino da Estupidez*, Lisboa, Livraria Morais Editora, 1961.
- ²⁴ Eduardo Lourenço, *Heterodoxia I*, ed. cit., p. 21.
- ²⁵ Idem, *ibid.*
- ²⁶ *Ibid.*
- ²⁷ *Ibid.*, pp. 24-5.
- ²⁸ *Ibid.*, p. 25.
- ²⁹ Eduardo Lourenço, *Eduardo Lourenço: Honoris Causa pela Universidade de Bolonha*, destacável da Newsletter da Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 89, Jan. 2008.
- ³⁰ Idem, *A Europa Desencantada*, ed. cit., p. 9.
- ³¹ Idem, *ibid.*
- ³² *Ibid.*, pp. 9-10.
- ³³ *Ibid.*, p. 30.
- ³⁴ *Ibid.*, p. 234.
- ³⁵ *Ibid.*, pp. 235, 237-8.
- ³⁶ *Ibid.*, p. 234.
- ³⁷ *Ibid.*
- ³⁸ *Ibid.*, p. 240.
- ³⁹ *Ibid.*
- ⁴⁰ Eduardo Lourenço, «L'Europe et son imaginaire», in *L'Europe des Nations*, Lisboa/Paris, Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 141-6.
- ⁴¹ Maria Manuel Baptista, *Eduardo Lourenço — A Paixão de Compreender*, ed. cit., p. 417.